

O Centro de Convivência de Afásicos em foco

(Focus on Centro de Convivência de Afásicos)

Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

RESUMO

Neste trabalho, investigamos o Centro de Convivência de Afásicos. Para tanto, baseamos em conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados a conceitos e postulados da Neurolinguística Discursiva. O *corpus* da pesquisa é constituído de transcrições de gravações de situações comunicativas vivenciados entre 2002 e 2004, no Grupo II do CCA. Os resultados indicam que, ao lado dos sujeitos não afásicos do CCA, os sujeitos afásicos, inseridos nessa comunidade de fala, são levados a enfrentar a afasia, agindo *com* e *sobre* a linguagem, a partir de repertório comunicativo variado que inclui recursos linguísticos e não linguísticos, em diferentes situações comunicativas.

* Sobre a autora, ver a última página 96.

PALAVRAS-CHAVE

Etnografia da comunicação. Comunidade de fala. Competência Comunicativa. Neurolinguística. Afasia.

ABSTRACT

In this work we examine the Centro de Convivência de Afásicos. Thus, based upon theoretical concepts and postulates of the Ethnography of Communication's theoretical framework and concepts and postulates of Discursive Neurolinguistics, we have analyzed the research corpus which is constituted of recording transcriptions from communicative situations and communicative events realized from 2002 to 2004 at CCA's Group II. The results suggests that as the non-aphasics-subjects at CCA, the aphasic ones who are part of this speech community face aphasia by acting with and about the language, using linguistic and non-linguistic resources in different communicative situations.

KEYWORDS

Ethnography of Communication. Speech Community. Communicative Competence. Neurolinguistics. Aphasia.

Considerações Iniciais

Neste trabalho, a pergunta que colocamos inicialmente é se *os problemas de linguagem como a afasia*, por exemplo, podem ser estudados considerando-se a relação língua(gem), cultura e sociedade. Inicialmente, também respondemos que sim e é isso que justifica este trabalho, uma vez que a temática aqui presente é a descrição e análise do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), que investigamos como uma comunidade de fala.

Sempre houve interesse em estudar as patologias da linguagem atribuídas a uma disfunção anátomo-fisiológica do cérebro no decorrer dos séculos. Entretanto, somente no século XIX dá-se início ao estudo científico do cérebro, ou seja, o interesse em estudar e desvendar a relação entre cérebro e linguagem. A descrição sistemática das alterações da linguagem decorrentes de lesões cerebrais deu origem à Afasiologia. Em seguida, deu-se um desdobramento aos estudos de processos linguísticos e cognitivos do cérebro, normal ou patológico, dando origem à Neurolinguística.

Ao tratar da questão da afasia, Jakobson (1955, p. 1969) afirma que se a **afasia é uma perturbação da linguagem**, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas devem começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem. Ele afirma, ainda, que esse problema não pode ser resolvido sem a participação de linguistas profissionais familiarizados com a estrutura e o funcionamento da língua.

A partir do final da década de 80, do século XX, podemos encontrar, no Brasil, trabalhos de linguistas voltados para questões ligadas aos processos linguístico-discursivos implicados nos casos de afasia, de neurodegenerescência, etc. Entre os estudos, ressaltamos o trabalho pioneiro de Coudry que introduziu os estudos neurolinguísticos no Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP.

Essa pesquisadora critica a avaliação de linguagem realizada e exercida sobre o domínio da tradição escrita normativa, apartada do exercício intersubjetivo e social da linguagem, e padronizada para sujeitos ideais. Questiona ainda as chances que têm nossos sujeitos afásicos, falantes de variedades vernaculares, se forem avaliados a partir de testes pautados em uma variante padrão veiculada pela escola (cf. COUDRY, 2002a, p.112).

Para a autora, a questão da avaliação de linguagem em contextos patológicos (afasia) – diferente da abordagem tradicional assentada em tarefas metalinguísticas, descontextualizadas e baseadas em uma concepção normativa e culta da língua – insere-se no exercício de práticas que fazem sentido para o sujeito, relacionadas a situações de uso social da linguagem.

Na perspectiva de Coudry (1986, 1993, 1995, 1996, 1997, 1999, 2002a, 2002b), a avaliação da linguagem em contextos patológicos não pode ser dissociada das situações de uso social.

O que se observa, geralmente, é que o afásico passa por um distanciamento da sociedade ou a sociedade se afasta dele (ou há um afastamento de ambos).

Assim, se a afasia é um problema de linguagem e uma questão social; se na prática clínica com a linguagem desenvolvida no Laboratório de Neurolinguística (LABONE/IEL) e no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), ligado ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e ao Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da UNICAMP, os sujeitos cérebros-lesados são inseridos em situações de interação comunicativa com todos os membros que compõem o CCA, perguntamos: a) Relacionando língua(gem), cultura e sociedade, podemos caracterizar o CCA, a partir da prática clínica com a linguagem que aí (CCA) se exerce, como uma comunidade? b) Qual o funcionamento sociocultural da linguagem usada pelos sujeitos cérebros-lesados inseridos nas situações de interação comunicativa do CCA? Para respondermos a essas questões, afirmamos que: a) O CCA é uma comunidade, mas a língua não é o elemento definidor dessa comunidade, e sim a prática clínica com a língua(gem) e a construção do saber dessa prática na relação entre língua(gem), cultura e sociedade; b) Nas situações comunicativas em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA, a língua(gem) apresenta-se constitutivamente incompleta, falha e heterogênea, características da ordem própria e estrutural da língua quando usada também pelos sujeitos “não-cérebros-lesados”.

Para tentar responder as questões e comprovar as hipóteses deste trabalho, mobilizaremos conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados a conceitos e postulados da Neurolinguística Discursiva.

O Centro de Convivência de Afásicos: uma apresentação

O Centro de Convivência de Afásicos (CCA), criado em 1989, é fruto de um convênio interdisciplinar entre o Departamento de Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem, com o Departamento de Neurologia, da Faculdade de Ciências Médicas (FCM), da Universidade Estadual de Campinas (São Paulo/Brasil). Trata-se de um lugar de convivência entre pessoas afásicas e não-afásicas (pesquisadores terapeutas e familiares/

amigos), interação mediada pela linguagem verbal e não verbal, bem como por sua relação com sistemas não verbais; mediada ainda por um saber técnico sobre a linguagem e os processos cognitivos (memória, percepção, praxia/corpo, atenção) que integram o funcionamento do cérebro/mente.

No CCA há três subgrupos: Grupo I, sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a Edwiges Maria Morato; Grupo II, sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a Maria Irma Coudry e o Grupo III, recém-criado, sob a responsabilidade da Prof^a. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto. A área de Neurolinguística do IEL conta ainda com um grupo de convivência dedicado a crianças e jovens (CCazinho/IEL) com e sem lesão cerebral que foram diagnosticados como tendo dificuldades de aprendizagem que incidem na aquisição e uso da escrita e leitura. O CCAzinho foi criado em agosto de 2004 e, também, funciona no Laboratório de Neurolinguística (IEL/UNICAMP), sob a responsabilidade da Prof^a. Dr^a Maria Irma Hadler Coudry.

Articulamos, neste trabalho, duas áreas da Linguística, a Sociolinguística e a Neurolinguística¹, tanto do ponto de vista teórico quanto da prática que se exerce com a linguagem nos dois domínios, e dirigimos nosso foco para a afasia e para o grupo II do CCA. Esclarecemos que o critério de pertencimento dos participantes nesse grupo é, por um lado, o estado de afasia por parte dos sujeitos cérebro-lesados; e, por outro, a formação em Neurolinguística dedicada aos alunos de graduação (em Linguística, Letras e Fonoaudiologia) e de pós-graduação (mestrado e doutorado vinculados ao Programa de Linguística do IEL), o que abre diversas frentes de pesquisa. O CCA também é um lugar de exercício da extensão universitária à medida que avalia e trata dos afásicos e agrega à comunidade CCA seus familiares e acompanhantes, o que abre outras frentes de pesquisa.

Afasia – do grego *aphasia* significa falta de fala, inabilidade de dizer alguma coisa sobre algo. Em sua prova didática de Livre-docência, Coudry (2002b) apresenta cinco conceitos de afasia: o primeiro e o segundo baseados em dissociações e relacionados respectivamente aos estudos de

¹ Verificar o artigo de Coudry, neste volume, sobre a Neurolinguística Discursiva.

Broca (1861) e de Wernicke (1874); o terceiro inaugura a conceitualização baseada em relações, sendo Jacson (1974) e Freud (1891) representantes dessa corrente no século XIX; o quarto, no século XX, são os estudos de Lúria e Jakobson que contribuem para a teorização Neuropsicológica e Linguística da afasia; o quinto conceito de afasia vem sendo desenvolvido por Coudry, e pesquisadores em diferentes níveis por ela orientados, a partir do início dos anos oitenta do século XX até se consolidar em uma formulação mais recente, a Neurolinguística Discursiva. Coudry (1986, 1988, p. 55) conceitua inicialmente assim a afasia:

trata-se de uma perturbação nos processos de significação, em que há alterações em um dos níveis linguísticos, com repercussão em outros, no funcionamento discursivo. Causada por lesão adquirida no sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos ou tumores, a afasia, em geral, é acompanhada por alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos (como a hemiplegia, as agnosias, as apraxias, a discalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e interpretação (COUDRY,1988).

Se a afasia é tomada como um problema de língua(gem), cultura e sociedade (SAMPAIO, 2006), trataremos, no próximo item, de estudos linguísticos que nos auxiliam nessa perspectiva.

Linguagem, cultura e sociedade: etnografia da comunicação direcionando o foco

Em maio de 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), por iniciativa de Bright, o termo sociolinguística é estabelecido para nomear esse campo de estudos. Os trabalhos apresentados nesse congresso foram publicados em 1966, na obra de referência da área, com o título *Sociolinguistics*.

Nesse período a Sociolinguística define o seu objeto de estudo, a diversidade linguística, tendo como tarefa descrever a covariação sistemática

entre estrutura linguística e a estrutura social. A partir do final dos anos 60 do século XX, paralelos ao avanço dos estudos gerativistas, estudos e pesquisas com a temática voltada para os aspectos sociais e culturais da linguagem, oriundos da *Antropologia*, da *Sociologia* e da *Linguística*, começam a ter um maior impulso nos Estados Unidos. É nesse período que se solidificam o nome de pesquisadores como William Labov, John Gumperz, Dell Hymes, Joshua Fishman, William Bright, entre outros.

A partir do momento em que se conjuga a análise do fenômeno linguístico com a consideração da realidade sócio-cultural, segundo Alkmim (2003), essa área privilegia o trato com dados empíricos, ou seja, a coleta de dados linguísticos no contato direto com a realidade que se pretende estudar. Nos dizeres de Alkmim (2003), essa teoria ainda está por se fazer: a autora afirma que tendo surgido da preocupação com questões empíricas, a Sociolinguística não tem sido capaz de contribuir decisivamente para a formulação de uma teoria que responda às suas necessidades. Essa área tem acumulado um conjunto de “estudos de casos” e, não obstante, apontado questões pertinentes.

Com o surgimento do interesse sociolinguístico, passaram a existir, contemporaneamente, três das disciplinas: a Etnografia da Comunicação, a Sociolinguística Variacionista e a Sociologia da Linguagem que, apesar de pertencerem ao âmbito geral da investigação sociolinguística e terem o estudo da língua em relação com a cultura e a sociedade, como interesse comum, diferem-se quanto ao enfoque de análise.

Com relação aos postulados teóricos da Etnografia da Comunicação, opção deste trabalho, lembramos que com os precedentes Boas, Sapir e Malinowski, a Etnografia da Comunicação, proposta por Dell Hymes na década de 60 do século XX, foi a primeira formulação teórica que estabeleceu o princípio de que uma interação comunicativa entre indivíduos está ligada e determinada por constituintes linguísticos e por circunstâncias sociais, culturais e psicológicas.

Em 1962, Hymes publica o artigo “**The Ethnography of Speaking**”. Nesse texto, o autor apresenta o que seria a primeira

versão de um novo domínio de investigação dedicado ao estudo da fala concebida como fenômeno sociocultural. Dessa forma, inaugura-se, naquele momento, em nível teórico, a etnografia da fala (*ethnography of speaking*). Em 1964, Hymes publica, junto com Gumperz, um suplemento da revista **American Anthropologist** intitulado “**The Ethnography of Communication**” (GUMPERZ; HYMES, 1964). Essa obra apresenta, de maneira oficial e real, o nascimento da Etnografia da Comunicação (*Ethnography of Communication*), dando continuidade com Gumperz e Hymes (1972).

Desde o momento de seu surgimento, a Etnografia da Comunicação supôs, para a antropologia linguística e outras disciplinas encarregadas do estudo da linguagem, uma troca de enfoque importante. A língua, entendida como objeto social, passa a ser estudada, também, no contexto de uso.

As propostas de Hymes iniciam um método de trabalho de caráter pluridisciplinar. Com esse método que leva em consideração os modelos formais de linguística e dos elementos comunicativos de natureza estrutural, combinados com elementos de caráter funcional, o autor pretendia interpretar o comportamento comunicativo em contextos culturais. Para investigar esse comportamento comunicativo, Hymes propôs uma série de conceitos que denominou *unidades sociais*, tais como: *competência comunicativa* (*communicative competence*), *repertório comunicativo e comunidade de fala* (*speech community*), de um lado; e de outro, *situação comunicativa* (*speech situation*), *evento comunicativo* (*speech event*) e *ato de fala* (*speech act*). Consideramos essas unidades como ferramentas teóricas úteis para o nosso trabalho.

Centro de Convivência de Afásicos (CCA): uma comunidade de fala

Buscando responder à pergunta se podemos caracterizar o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), a partir da prática clínica com a linguagem que aí se exerce, como uma comunidade de fala, nos basearemos em estudos da Etnografia da Comunicação, idealizada por Hymes.

Vimos que Hymes (1967), idealizador da Etnografia da Comunicação, buscando investigar o comportamento comunicativo em contextos culturais, propôs uma série de conceitos que denominou unidades sociais, entre as quais destacamos, no momento, *comunidade de fala*. Essa unidade social é uma unidade importante de análise etnográfica e, juntamente com as demais unidades sociais, funcionará como ferramenta teórica útil neste trabalho, como já assinalamos. Para o autor, o critério de agrupamento de uma comunidade de fala é de base sociocultural e não de base linguística.

Uma comunidade de fala, na perspectiva de Hymes (1967) e, mais especificamente na perspectiva da Etnografia da Comunicação, não pode ser caracterizada somente pela língua que se fala. É preciso observar se, em grupo, há um todo organizado por normas compartilhadas que regulam o uso dos diversos códigos comunicativos (verbais e não verbais), por uma mesma concepção social e cultural do mundo.

Nessa perspectiva,

normas de uso da língua não definem a comunidade a ser investigada, mas sua descrição é parte do êxito do estudo etnográfico que focaliza uma comunidade selecionada de acordo com critérios não linguísticos (SAVILLE-TROIKE, 1982, p.18).

A língua “deve ser concebida como lugar de papel significativo para identificar o limite da comunidade de fala, no mínimo como a perspectiva de seus próprios membros” (SAVILLE-TROIKE, 1982, p.19).

Saville-Troike (1982) argumenta que, em qualquer nível de comunidade de fala selecionado para estudo, *a função social da língua incluirá o limite de funções de separação, unificação, estratificação*. A função interacional, que estará presente, dependerá da comunidade estudada, como um complemento total das funções da linguagem, domínios presentes nas oportunidades de interação. Nesse nível inclusivo, a comunidade de fala precisa não de uma única parte da língua, mas do papel que cada um assume nessa interação.

Uma tipologia informal de comunidade de fala como “*soft-shelled*” (mais aberta) versus “*hard-shelled*” (mais fechada) pode ser distinguida,

segundo Saviile-Troike (1982), com base na força do limite que é mantida pela língua. A comunidade “*hard-shelled*” (mais fechada) tem um forte limite relacionado à interação dos membros da comunidade com outros que dela não fazem parte, o que promove uma manutenção da língua e cultura. Saviile-Troike (1982) argumenta que, virtualmente, qualquer comunidade pode ser considerada parte de outra maior, ou subdividida em grupos menores, e que, como coletividade, uma comunidade pode ser como uma classe de variedades que será normalizada em relação à saliência de dimensão social e cultural da comunicação.

Nessa perspectiva, então, se um grupo tem uma cultura partilhada, se as pessoas que dele participam têm nome nativo com o qual é identificado pelos membros, se no grupo há uma rede social para contato, se no grupo há folclore ou história comum, podemos dizer que esse grupo forma uma comunidade de fala. Com base nesses postulados, podemos afirmar que o CCA é uma comunidade de fala, inserida em uma comunidade maior e subdividida em grupos menores.

Ao estudar a linguagem em sua relação com a sociedade e a cultura, o pesquisador estuda parte do objeto. Nesse sentido, o *corpus* desta pesquisa se constitui de fitas de vídeo gravadas das sessões de prática clínica com a linguagem realizadas no CCA, no período de 2002 a 2004. As fitas foram obtidas no arquivo do LABONE (Laboratório de Neurolinguística), onde o trabalho do grupo é voltado para o exercício de diferentes práticas *com* e *de* linguagem e suas diferentes configurações textuais: relatos, diálogos, comentários, leituras de algo a ser compartilhado, recontagem, explicações, *etc.*

A prática clínica com a linguagem do CCA, como comunidade de fala, é sustentada pelos estudos em Neurolinguística de orientação discursiva que combate a medicalização que se pratica quando a língua(gem) é tomada como determinada, padrão para todos os falantes, o que condiciona o que é certo e o que é errado, além de estigmatizar as variedades que fogem à norma padrão. São preocupações fundantes dessa prática (clínica) com a linguagem: o não isolamento social dos afásicos, o enfrentamento da afasia e a construção de possibilidades de o afásico estar no mundo e o exercício

com e sobre a linguagem, nas diferentes situações discursivas/comunicativas e eventos discursivos/comunicativos.

Na comunidade de fala do CCA, são vivenciadas, verbal e não verbalmente, **situações discursivas ou de comunicação** articuladas teórico-metodologicamente, que ocorrem em

um ambiente de linguagem em que interlocutores (afásicos e de não afásicos) constroem e partilham de vários interesses, papéis e conhecimentos que os identificam como falantes de uma língua natural; um ambiente em que a linguagem acontece em suas mais diversas formas, simples e complexas, heterogêneas, carregadas de marcas particulares e de dizeres/escritos partilhados; onde se abrem as mais diversas possibilidades de construção de sentidos entre interlocutores afásicos e não afásicos, mediados por recursos metodológicos e pelos acontecimentos de que se fala/escreve/lê/imagina na vida organizada em sociedade (COUDRY, 2006, p. 3).

Fazem parte das atividades linguístico-cognitivas desenvolvidas no CCA: dramatizar cenas da vida cotidiana, cozinhar, fazer festas, pintar e desenhar, dançar, cantar, assistir a filmes, ler e comentar o noticiário escrito e falado, bem como as anotações dos participantes em sua agenda.

As sessões do CCA, que denominaremos de **situações comunicativas**, ocorrem, semanalmente, com duas horas de duração. Nas **situações comunicativas**, os sujeitos afásicos, junto com os sujeitos não afásicos, participam de **eventos comunicativos** que possibilitam a vivência de situações de uso sociocultural da linguagem, em contextos verbais e não verbais, na construção de sentidos. Os sujeitos afásicos são motivados, em grupo, a exercer a linguagem em diversos **eventos comunicativos** (diálogos, narrativas, comentários) em que há alternância de interlocutores, diferentes posições enunciativas e configurações textuais.

Em geral, as **situações comunicativas** são organizadas da seguinte forma: a sessão tem início com comentários sobre os acontecimentos da cidade, do Brasil e do mundo, baseados no noticiário impresso e/ou falado, ou no registro, nas agendas, de fatos da vida pessoal (anotações que valem

a pena ser compartilhadas com o grupo são postos em cena); podendo haver na sessão a teatralização e as atividades práticas (cozinhar, cantar, narrar, discutir, entre outros) que, também, funcionam como **evento comunicativo**. Em seguida, há um **evento comunicativo** denominado “hora do café”, que possibilita aos participantes socializarem os lanches, descontraírem e conversarem.

Detalhamos os **eventos comunicativos** que têm sistematicamente relação com atividades linguístico-cognitivas: **leitura da agenda** de cada um dos participantes – contém todas as atividades ligadas aos participantes como: trabalho, passeios, idas a médicos, etc.; **leitura e discussão** de recortes de jornais e de revistas levados pelos participantes; **conversa** sobre fotos (familiares, passeio, festas ou do próprio participante). Ocorre também o inverso, ou seja, inicia-se com o evento comunicativo da leitura da agenda, leitura e discussão de recorte de jornais, conversas para depois realizar o evento da expressão teatral pela dramatização. Os **eventos comunicativos** são coordenados por um pesquisador, a quem cabe o papel de organizar os recortes trazidos pelos integrantes e auxiliar, se necessário, na introdução de temas para conversação.

Com o uso da agenda como instrumento metodológico, toma-se parte de dados e fatos sobre a vida do afásico que, no grupo, tornam-se tópicos de eventos comunicativos em que predominam diálogos e narrativas. De acordo com Coudry (1997), são fatos que merecem ser contados, indicando a presença e a ação do sujeito na linguagem. A agenda é preenchida, a depender da história do sujeito (escolaridade, uso pré-morbido da escrita, sinais de hemiparesia, etc.), por ele, por um membro da família ou por um investigador. Trabalha-se com a linguagem a partir das chamadas “práticas sociais da memória”: as histórias de vida/doença, os álbuns de família, etc.

Esses **eventos comunicativos** objetivam fazer com que os participantes compartilhem com todos a memória e a vida de cada um fora do CCA. Nesses eventos, os sujeitos afásicos (re)tomam e trabalham os usos da linguagem, exercitam sua capacidade pragmática de reconhecer seus

interlocutores e suas propostas discursivas e trabalham as possibilidades de inserção em diferentes situações e eventos comunicativos, ou seja, são motivados a mobilizar diferentes movimentos de sentido: cognitivos (mnêmicos, perceptivos e atencionais), enunciativos, pragmáticos, discursivos, semióticos (gestuais, corporais, situacionais).

Outras situações comunicativas, também, são desenvolvidas no Centro, como as que objetivam a inclusão digital dos afásicos: aulas com noções básicas para a utilização de computador e navegação na rede Internet. Além disso, há oficinas de arranjo de flores, de fabricação de velas, de pintura em tela, de culinária.

São comuns, ainda, as seguintes situações comunicativas: palestras (com convidados); passeios (museu, exposição); festas comemorativas (encerramento de período letivo, aniversários, carnaval, junina, natal, etc.), em que os eventos comunicativos giram em torno do cardápio e músicas que serão tocadas visando à dança; almoços comunitários, cuja organização (cardápio, ingredientes) fica por conta de todo o grupo e é anotada nas agendas. Esses eventos proporcionam momentos em que os integrantes do grupo exercem vários papéis como sujeitos da linguagem, visam à reinserção ocupacional, à partilha de um espaço simbólico de experiências, à restituição de papéis sociais e ao fortalecimento de quadros interativos.

Na perspectiva teórico-metodológica-assistencial da prática (clínica) com a linguagem exercida no CCA, os sujeitos afásicos têm um acompanhamento longitudinal em grupo, que possibilita que as alterações apresentadas, as tentativas de superação dessas alterações e a motivação para identificar dificuldades e eleger processos alternativos de significação possam ser viabilizadas. Além da sessão coletiva, todos os afásicos são acompanhados individualmente por um(a) *cuidador(a)*: aluno de graduação (iniciação, estudos monográficos e estágio) em Linguística, Letras e Fonoaudiologia; aluno de mestrado e doutorado (incluindo o Programa de Estágio Docente) em Linguística, sob orientação do pesquisador líder do grupo de pesquisa.

Assim, no CCA, o *corpo patológico* (que se diferencia do corpo social pelo que escapa à maior parte dos sujeitos) é inserido num contexto em que há regras, normas e espaço para a heterogeneidade, para as diferenças entre os sujeitos, seus modos de agir e de se colocar no mundo.

Podemos reafirmar que, no sentido de Hymes (1967), o CCA se caracteriza como um todo organizado por normas compartilhadas que regulam as diferentes situações e eventos comunicativos (no entrecruzamento do verbal e do não verbal), que tem a mesma concepção social e cultural do mundo. Mas defendemos que não é só isso que o define como uma comunidade de fala, mas, também, a prática (clínica) com a linguagem e a construção do saber dessa prática na relação entre língua(gem), cultura e sociedade.

Nas situações comunicativas do grupo II do CCA, sob responsabilidade da pesquisadora docente Dra. Maria Irma Hadler Coudry (Imc), participavam 10 alunos do curso de graduação e do Programa de Pós-Graduação em Linguística, além de 12 sujeitos afásicos. Destes, focalizaremos, no próximo item, alguns momentos de **DN**.

Fotografias do CCA, história de vida, história de um corpo marcado: foco em DN

Os corpos/sujeitos afásicos que vivenciam a prática (clínica) com a linguagem no CCA, num primeiro momento, mostram marcas que reafirmam suas histórias e constituem e reforçam o patológico. Quando já inseridos nessa prática, compartilham seus limites e suas possibilidades com outras pessoas e redimensionam as possibilidades e os limites do corpo e de seu papel social. Enfim, reinterpreta-se na relação com outras pessoas, ou seja, *o corpo torna-se alvo dos novos mecanismos de poder, oferecendo-se a novas formas de saber*².

Neste item, apresentaremos fotografias da história de um sujeito/corpo marcado que ingressou em 2002 no Grupo II da comunidade de fala do CCA.

² Pensando, aqui, a partir da leitura feita da obra de Michel Foucault por Silva (2003).

Esclarecemos que os dados do sujeito constam da ficha de anamnese dos prontuários organizados no LABONE/BDN/IEL e que o sujeito afásico assinou o termo de consentimento livre e esclarecido.

DN, integrante da comunidade CCA nunca foi à escola, é casada, teve oito filhos, exerce a profissão do lar, é evangélica e frequenta a igreja três vezes por semana. Antes do AVC, costumava para a família e, atualmente, faz fisioterapia três vezes por semana.

Em 2001, segundo relato do marido, **DN** caiu da cama e ficou sem falar e andar, recuperando-se, parcialmente. Na avaliação de linguagem, feita, em 10/12/2001, no LABONE/IEL/UNICAMP, foi constatada a afasia, mas a gestualidade que acompanha a fala e as expressões faciais foram consideradas normais. Na ficha de anamnese, está registrado que em casa, **DN** só fala “**Quel**” (redução do nome da filha) e “**não**”. No LABONE, ela teve atendimento individual e foi inserida no projeto: “Afasia, letramento e alfabetização”³, cujo objetivo é introduzir o afásico na aquisição e uso da escrita/leitura, bem como a sua reinserção na sociedade.

Baseando-se na classificação de Lúria (1973), se não fosse a restrição religiosa de **DN** na participação em certas situações vivenciadas na comunidade CCA, poderíamos interpretar a sua afasia como afasia dinâmica, pela falta de iniciativa verbal que apresenta. Entretanto, devido a esse fato, podemos pensar sua afasia como da ordem da desintegração da organização em série de melodias cinéticas envolvidas dos gestos articulatórios, associada à lesão nas partes inferiores da área pré-motora esquerda, ou seja, à afasia motora eferente descrita por Lúria.

Na sessão de 09/09/2002, dois novos integrantes - **DN** e **RL** - foram apresentados ao grupo. Nessa sessão, estavam presentes, além dos iniciantes, **AC; SL; OS; CF; GS; IC; Imc** e uma aluna de Pós-Graduação. A partir dos turnos de **Imc, RL, SL** e **CF, DN** faz gestos para se comunicar, tomar decisões, alcançando um sentido relevante para o contexto que foi construído pelo trabalho prévio de seu interlocutor, vejamos:

³ Foi iniciado um processo de aquisição de escrita/leitura de **DN** conduzido pela aluna de mestrado Patrícia Arnelas durante o segundo semestre de 2003, interrompido por licença maternidade da aluna e retomado a partir de 2005 nas atividades do estágio de fonoaudiologia, sob a responsabilidade das Profas. Dras. Maria Irma Hadler Coudry e Fernanda Maria Pereira Freire.

Situação comunicativa 09/09/2002

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Então... vamos perguntar o que que aconteceu com ele, por que que ele... tá aqui e depois para a DN, né DN?	Referindo-se a RL	
DN		Pausa longa	Balança a cabeça afirmando

Quadro 1: Tópico 1: acidente com RL

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Só um minutinho... vamos ouvir... a senhora mora em Campinas? Mora, aqui, em Campinas?		
DN			Balança a cabeça negando
RL	Donde mora?		
Imc	Não ...onde mora? onde a senhora mora? é Sumaré? é Sumaré		Aponta para RL que fez a pergunta primeiro
DN	Não		Balança a cabeça duas vezes afirmando
Imc	Não.		
SL	Hortolândia?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Artur Nogueira?		
RL	Jaguariúna?		

Quadro 2: Tópico 2: Local onde mora (*continua*)

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
DN			Aponta para uma direção
Imc	É pertinho daqui?		
DN		Pausa longa	
SL	Campinas?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Valinhos?		
DN			Balança a cabeça negando
RL	Vinhedo?		
Imc	Sumaré ...Limeira		
SL	Hortolândia?		
DN		Mantém a pausa longa	
Imc	Vamos ver se ela vai falar, Hortolândia?		
DN			Balança a cabeça negando
IC	((Barrinha))		
DN			Balança a cabeça negando
RL	Americana?		
DN			Balança a cabeça negando
Imc	É pertinho daqui?		
DN			Balança a cabeça afirmando
CF	Olha [e'saw] oh		Aponta para DN e para a porta
Imc	A senhora vamos ver se ela consegue falar	Falando sobre DN	
RL	Indaiatuba		

Quadro 2: Tópico 2: Local onde mora (*continua*)

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
DN			Balança a cabeça negando
Imc	A senhora lembra o nome da cidade? consegue falar?		
DN		Pausa longa	Não faz movimentos com a cabeça
SL	O nome do... do prefeito?		
Imc	Prefeito há há há a senhora sabe o nome do prefeito	Risos	
DN			Balança a cabeça negando
SL	Você sabe o nome do prefeito? sabe não ?		
Imc	A senhora vem de ônibus?		
CF	Oh senhor		
Imc	A senhora vem de ônibus?		
		Pausa longa	
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Perua?		
DN			Balança a cabeça negando e faz um gesto com a mão mostrando algo
Imc	A pé?		
DN	Não		
Imc	ônibus?		
DN	Há na-o:: eh eh	Hesitação	
CF	[e'saw][e'saw][e'saw] [e'saw]		

Quadro 2: Tópico 2: Local onde mora (*continua*)

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	O que que é? vem com alguém conhecido? não		
DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	É ? vem com alguém conhecido? com seu filho?		
DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	Tá aí?		
DN	Ele tá lá oh		Aponta para fora da sala
Imc	Tá lá tá lá esperando		Aponta para fora da sala
DN	Eh não lá ()		Aponta para todos o lados
Imc	Ele traz e depois vem buscar?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Não, a senhora vai sozinha?		
DN	Não		Balança a cabeça negando
Imc	Tem uma pessoa aí acompanhando a senhora?		
DN			Balança a cabeça afirmando
Imc	É seu filho? Filha? Marido?		Mostra a aliança na mão
DN	Não		
Imc	Não		
CF	Oh [e'saw][e'saw]		Apontando para a porta
DN	Ah eh		Aponta para outra direção

Quadro 2: Tópico 2: Local onde mora (*continua*)

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Mas tá aí o seu acompanhante? Tá aí?		
DN	Não		aponta para CF
Imc	Tá aí?		
DN			Balança a cabeça negando
Imc	Tá aí CF você viu?		
CF	Eh::		

Quadro 2: Tópico 2: Local onde mora (*conclusão*)

A expressão verbal de **DN** está restrita pelo efeito da afasia. Mas, apesar das limitações que impossibilitam uma expressão *fluente*, a partir dos gestos, ela consegue interagir na interlocução. Como isso é possível? Encaixando o campo semiótico constituído através dos sinais com a cabeça na situação discursiva, **DN** negocia o sentido e sustenta a interlocução utilizando a percepção e os gestos, como pode ser observado acima na situação comunicativa 09/09/2002, com o evento comunicativo diálogo. Em (1), após uma pausa longa, **DN** balança a cabeça afirmando, ou seja, ela compreende que posteriormente será apresentada ao grupo. Em (2), **DN**, participa do evento comunicativo, movimentando a cabeça de forma negativa e afirmativa, apontando com o dedo objetos, ou pessoas, lugares que estão e também que não estão imediatamente presentes, hesitando e falando “*Não*”, “*Ele tá lá ob*”, “*Eh não lá*”, “*Há na-o: eh eh*”. A hesitação não é vista como uma simples disfunção da fala, mas tem o papel de organizar o dizer e pode indicar um processamento em curso (como mostra o trabalho de Oliveira (2003) com sujeitos parkinsonianos). Os gestos, por sua vez, propiciam estados de conversas, se inserem nesses estados de conversa, no lugar do ou acompanhando o verbal, o que mantém as situações comunicativas em funcionamento.

Observamos que Imc, com ajuda do grupo, abre no diálogo em curto espaço para **DN** confirmar ou rejeitar. Considerando a afasia de **DN**, as perguntas são elaboradas, no evento comunicativo diálogo, sempre direcionando para uma resposta categórica *sim*, ou *não*. Imc ajuda-a e o *Não* ou *Sim* não ficam só como uma sentença isolada, em meio a uma escolha binária (*sim/não*), mas, em vez disso, alcançam um sentido relevante por ocorrer dentro de um ambiente que foi construído pelo trabalho prévio dos interlocutores. **DN**, dessa forma, beneficia-se das pistas dos seus interlocutores. Verificamos que onde há pausas há, também, a atuação de modo integrado de gestos, hesitações ou mesmo a verbalização de “sim” e “não”, ultrapassando a condição inicial descrita pela família: “*Ele tá lá ob*”, “*Eb não lá*”.

Na sessão do dia 25/11/2002, os participantes do grupo II do CCA se organizam em dois grupos de cinco integrantes para um trabalho de dramatização de cenas da vida cotidiana, no caso situações que acontecem na praia. Eles ensaiaram três cenas: a primeira cena com alguém se afogando, a segunda cena com um hippie vendendo artesanato e alguém comprando um colar para a esposa e a terceira cena em que **DN** vende coxinha. *Sketch* é uma prática comum nas atividades coletivas e individuais do CCA (COUDRY, 2002a), também chamada de *role-play*, que se constitui de pequenas cenas em que os sujeitos encenam uma certa situação; vejamos um trecho da transcrição da sessão:

Situação comunicativa 25/11/2002

Sigla do interlocutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos de significação verbais	Observação sobre as condições de produção de processos de significação não-verbais
Imc	Quem quer coxinha fresquinha?		Entrega uma vasilha para DN
Imc	Coxinha fresquinha		
DN	[coxinha fresquinha		

Quadro 3: Tópico 1: Vendendo coxinha na praia (*continua*)

Imc	Todo mundo vai comer coxinha, então, são três cenas, quais são as cenas? Primeiro, esse aqui tá se afogando		Aponta para DB
IC	Afogando		
Imc	E dona DN, não, dona IC vai salvar seu AL, ele é hippie, ele vai vender artesanato, depois tem ela e ela vai comprar, e o senhor vai comprar também // <i>segmento ininteligível</i> //		Fala com o grupo
Imc DN	Coxinha fresquinha, coxinha fresquinha coxinha fresquinha... coxinha fresquinha		
Imc	Tá bom, tá ensaiado? Tá tudo ensaiado?		
Imc	Bom, agora, a nossa terceira cena ... a senhora vai vender coxinha e grita quem vai querer...		Dá uma cesta para DN
DN	Coxinha quentinha		Anda pela sala
Imc	Oh gente, essa ... esse trabalho que a gente fez hoje de dramatizar, de improvisar principalmente, né? que é legal que aí você fica com uma mobilidade, se acontecer alguma coisa na vida, você tem cacife né? você tem condição de enfrentar ... essa é a questão, isso é muito legal, a gente só precisa soltar mais o corpo, soltar, dona DN com a cestinha soltou a voz na estrada ... coxinha fresquinha		

Quadro 3: Tópico 1: Vendendo coxinha na praia (*continua*)

CF	Olha [e'saw][e'saw] ótimo		
Imc	Então, isso ajuda a trabalhar com o corpo, gesto, com a percepção, isso é legal // <i>segmento ininteligível</i> // no começo, aí o afogado socorro! tem que gritar:: socorro!	Fala bem baixinho com Tom de exclamação	

Quadro 3: Tópico 1: Vendendo coxinha na praia (*conclusão*)

A atitude de Imc, como podemos observar nessa sessão, é a de inserir **DN** e os demais afásicos em situações comunicativas com variados eventos comunicativos que fazem parte da prática clínica em que não se separa língua, cultura e sociedade. Dessa forma, os participantes em meio a atos de fala e ações pela linguagem se fazem sujeitos da linguagem e usuários da língua, em condições sociais. Inicialmente **DN** *repete* o que Imc fala, “coxinha fresquinha”, mas, em seguida, atua como vendedora de coxinha, andando pela sala, oferecendo “coxinha fresquinha” aos demais participantes da situação; além disso, **DN** amplia o repertório comunicativo inserindo “coxinha quentinha”, o que é uma conquista para ela e para todos do grupo.

É interessante destacar que estados de afasia podem não afetar a relação entre linguagem verbal e não verbal e, nesse sentido, os sinais com a cabeça, sinais não-verbais, ajudam a conduzir a comunicação sem a fala; embora os gestos de positivo e negativo sejam cristalizados, eles estabelecem um papel importante porque se inserem no lugar da linguagem verbal e mantém a interação. Gestos compartilhados pela comunidade CCA são, dessa forma, atividades significativas construídas histórica e culturalmente. A sinalização não verbal contribui proficuamente para a organização da interação com o corpo, fazendo parte, também, do repertório comunicativo do grupo. Assim, podemos afirmar que nem tudo o que se compreende na interação social que ocorre no CCA vem envolvido em linguagem verbal, mas muito está na própria relação que se constrói entre os indivíduos e nas atividades contextualizadas, ou seja, significativas e vivenciadas.

Na sessão de 23/06/2003, o grupo comemora a festa junina. Nesse dia, os participantes, além de lancharem comida típica, brincaram de falar palavras que fazem parte do *frame* “festa junina” sem repeti-las. **DN** ficou em silêncio todas as vezes que era para falar uma palavra. Seu silêncio foi respeitado. Lembramos aqui que sua religião não permite esse tipo de comemoração. Seu silêncio, aqui, de fato é silêncio e não pausa e faz parte da sua integração em outra comunidade. O silêncio aqui é entendido como um tipo particular de interação e como veiculador de sentidos. Com já postulado, o silêncio significa, ele é significado e interpretado. O silêncio, então, não é ausência de interação, não é refúgio voluntário e idiossincrático em meio à batalha verbal e ao domínio da fala; não é falta ou excrescência se comparado à linguagem. Antes, se o silêncio faz parte da construção do sentido (da interação, da comunicação), é também ato de linguagem, ato de significação. Podemos afirmar que onde há linguagem, há também silêncio, ou seja, o silêncio faz parte e está na ordem da linguagem.

Os demais participantes se divertiram com a brincadeira e organizaram uma quadrilha. **SL** faz trocadilho “organizar uma quadrilha para assaltar um banco”. Todos dão risadas e **DN** permanece afastada e quieta (como se estivesse falando: Não tenho nada a dizer). No segundo momento da sessão, há uma apresentação de palhaço, *Clown*, e, a partir daí, como os demais participantes, **DN** vibra e participa sem constrangimento. Há, nesse caso, a quebra de tabu religioso que é rompido pela arte e pela alegria do palhaço.

Na situação comunicativa de 27/04/2004, após terem feito o passeio à exposição de Picasso no espaço da Oca-Ibirapuera, São Paulo, Imc solicitou que cada um contasse o que achou mais interessante. **DN** respondeu que gostou mais do quadro “a menina dos pés descalços”, que foi o primeiro quadro que ela viu na exposição. Nesse dia, Imc teve a idéia de enviar um cartão com flores para a diretoria do IEL, que proporcionou o ônibus para o passeio, e pediu que cada um escrevesse uma palavra relacionada à exposição. **DN** escreveu: descalço e escultura.

Nessa sessão, em especial, percebemos que houve uma mudança de **DN** no alinhamento da cabeça/do rosto, uma vez que nas sessões iniciais ela mantinha sempre a cabeça baixa. Essa mudança na sua postura é visível nos vídeos analisados, principalmente, quando começa a se interessar pela leitura do jornal. Isso, provavelmente, é efeito do estabelecimento de laços de afetividade que foram se construindo entre os membros do grupo desde a sua chegada, e, também, do fato de ter acesso à leitura/escrita, quando levanta os olhos para *ler*. Consideramos com naturalidade a idéia de que a aparência física e os movimentos do corpo desempenham um papel em nosso relacionamento social. Eles exprimem uma parte de cada um de nós e, percebidos pelas outras pessoas, permitem captar certas características do nosso modo de agir. Acompanhando as gravações, a imagem que **DN** nos transmite através dos sinais corporais mostra satisfação e segurança.

Algumas considerações sobre a comunidade de fala CCA

Consideramos que os conceitos da Etnografia da comunicação foram de grande utilidade descritiva e analítica para o estudo das interações produzidas no contexto específico do funcionamento da comunidade CCA.

Ao descrever e analisar essa comunidade, observamos algumas peculiaridades, cabendo ressaltar algumas. O CCA é uma comunidade que é fruto de uma história, de uma história de grupo e de uma história individual relacionada à afasia: sua vivência, seu estudo e a prática (clínica). Essa comunidade não apresenta irregularidades, como o senso comum poderia esperar; quando surgem instabilidade na comunicação, aflição para falar, pausas inesperadas, surge também a cooperação.

Essa comunidade rompe com a terapêutica tradicional (em que se nota a ausência da Linguística para orientar a avaliação e o seguimento terapêutico; aquela que toma como erro fenômenos sintáticos, morfológicos, fonológicos), focada na doença e nas atividades metalinguísticas.

Os participantes dessa comunidade estão mergulhados em eventos de diversas outras comunidades, sendo a família uma delas. Para analisar a

comunidade CCA não utilizamos a língua como o elemento definidor, mas a prática clínica com a linguagem, um tipo de situação comunicativa que restaura o sujeito como indivíduo socialmente ativo.

Dessa comunidade participam: o pesquisador líder que é permanente e tem como objetivos e interesses entrelaçados na vontade de saber sobre a afasia e os processos relacionados a ela e transmitir esse saber aos que ali se encontram; o pesquisador estudante – não-fixo – que compartilha dos objetivos e interesses diversificados em torno da vontade de saber sobre a afasia e os processos a ela relacionados; os afásicos - pessoas que são levadas por seus familiares, sendo a maioria fixa; mas há renovações entre eles (impedimentos de continuar, mortes, mudanças de cidade), que têm como objetivo a vontade de falar, escrever, ser sujeitos que agem com e sobre a linguagem; por fim o familiar – pessoa da família que leva os afásicos ao CCA – que tem uma participação eventual nas situações comunicativas e formam um outro grupo que se encontra toda semana embaixo do *flamboyant*, em frente ao prédio do CCA, para conversar, comer, fazer trabalho manual em conjunto, ajudar-se.

O verbal, o não verbal, as pausas, as hesitações e o silêncio que aparecem nas situações comunicativas dessa comunidade fazem parte do repertório comunicativo do grupo, mas não são exclusivos dele, porque são fenômenos estruturadores e organizadores do fluxo discursivo nos eventos comunicativos em geral, que são interligados e determinados por constituintes linguísticos e por circunstâncias sociais, bem como culturais. As hesitações/disfluências comuns estão presentes na fala de todos os falantes. Incluem as pausas silenciosas hesitativas, as pausas preenchidas (“éh”, “ãh”, “mm”), os prolongamentos finais, as repetições de palavras e os falsos inícios. Nas situações aqui apresentadas, essas repetições de sons e sílabas, os prolongamentos iniciais e os bloqueios (“travamentos”) ocorrem mais que o habitual; em outras ocasiões, ocorrem devido às condições enfrentadas pelo sujeito falante. Entretanto, quando isso ocorre, buscam-se recursos no não verbal, como no caso de **DN**, ao gesticular com a cabeça. O interessante é que o recurso ao gesto, à escrita, à entonação/ritmo tem se apresentado aos afásicos como uma espécie de *contextura*, no sentido de Jakobson (1969), que restabelece o *dizer*.

Considerações Finais

Como já no início do trabalho, afirmamos que *os problemas de linguagem como a afasia* podem ser estudados considerando a relação língua(gem), cultura e sociedade. No decorrer deste trabalho, buscamos caracterizar o CCA, a partir da prática (clínica) com a linguagem que nele se exerce, como uma comunidade. Os sujeitos afásicos nesta comunidade são atuantes no curso de suas vidas, através do exercício – reflexivo e intersubjetivo – com a linguagem, a memória, a percepção, o corpo, tal como o que se estabelece na sociedade em que se inserem.

Pensando nos aspectos sociais e culturais da linguagem, oriundos dos estudos que surgiram a partir da área da Linguística que se ocupa das questões e estudos sobre a relação entre língua, cultura e sociedade, ou seja, a Sociolinguística, mobilizamos, para a caracterização da comunidade CCA, conceitos e postulados teóricos dos quadros teóricos da Etnografia da Comunicação, aliados aos conceitos e postulados da Neurolinguística Discursiva. Dessa forma, por um lado, os princípios metodológicos como os conceitos da Etnografia da Comunicação foram de grande utilidade descritiva e analítica para o estudo das interações produzidas no contexto específico do funcionamento da comunidade CCA. A aplicação de conceitos como comunidade de fala, competência comunicativa, repertório comunicativo, situação comunicativa, evento comunicativo e ato de fala nos levou a investigar diversos aspectos de natureza linguística e sociocultural não estudados nessa comunidade. Para realizar os estudos neste campo, partimos do princípio geral de que a análise das interações considera fatores que não são exclusivos do âmbito linguístico.

Por outro lado, a partir dos postulados da Neurolinguística Discursiva, da teorização proposta por Coudry (1986, 1993, 1999, 2002a, 2002b) e por diversos pesquisadores por ela orientados, observamos que, nas situações discursivas/comunicativas em que se engajam os sujeitos cérebros-lesados no CCA, a língua(gem) apresenta-se constitutivamente incompleta, heterogênea, onde há lugar para o equívoco, a reformulação, a hesitação, o silêncio, o riso, a cooperação, a fofoca, o comentário, a imaginação e todas as características da ordem própria e estrutural da

língua quando usada também por sujeitos não cérebro-lesados. É essa pluralidade que dá vida à comunidade CCA e possibilita a vivência que nela se pratica, o que tem efeitos psico-afetivos, sociais e terapêuticos.

Considerando a construção teórico-metodológica da Neurolinguística Discursiva, pensamos a relação afasia, linguagem, cultura e sociedade, para afirmar que o CCA é uma comunidade. Com isso, compartilhamos da concepção de linguagem – que sustenta essa área – ou seja, aquela que não se restringe ao sistema linguístico propriamente dito, mas dele faz uso; que se torna significativa no seu acontecimento discursivo e, portanto, é sempre dependente de instâncias contextuais que se manifestam nos diferentes tipos de ação humana (na comunicação, nas relações interpessoais, na capacidade de julgar os valores, nas *opções solitárias* e reflexivas) e que se constitui e se renova a cada interlocução (COUDRY, 2002a).

Confirmamos, assim, que os corpos/sujeitos afásicos que vivenciam a prática (clínica) com a linguagem no CCA, num primeiro momento, mostram, em sua história, marcas que reafirmam a doença e destacam o patológico. Quando inseridos na comunidade CCA, compartilham seus limites e suas possibilidades com outras pessoas e redimensionam as possibilidades e os limites do corpo/sujeito e de seu papel social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, T.M. Considerações sobre o campo da sociolinguística. In: ALBANO, E. et al (Org.). **Saudades da língua: a linguística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp**. Campinas: Mercado das Letras, Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 593-603.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso: discurso e afasia. Análise de interlocuções com afásicos**. 1986. [s.p] Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1986.

_____. **Diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

_____. Neuropsicologia: Aspectos biológicos e sociais. In: RODRIGUES, N.; MANSUR, L.L. (Ed.). **Temas em Neuropsicologia e Neurolinguística**. v.

I. São Paulo: Tec Art., 1993. p. 38-57.

_____. O que é o dado em Neurolinguística. In: CASTRO, M. F. P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 179-194.

_____. 10 anos de Neurolinguística no IEL. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 32, p. 09-23, 1997.

_____. Pressupostos teóricos e dinâmica de funcionamento do Centro de Convivência de Afásicos (CCA). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE NEUROPSICOLOGIA, 4., **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Neurologia, 1999. CD.

_____. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 99-129, 2002a.

_____. Conceitos de afasia: clássico é clássico e vice-versa: aula pública. (Data da aula Pública). Campinas: **Unicamp**. Aula pública apresentada à Banca Examinadora do Concurso de Livre-docência do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 2002b.

FISHMAN, J. A. **Sociolinguistics: a brief introduction**. Rowley: Newbury House Publishers, 1971.

HYMES, D. Models of the Interaction of Language and Social Setting. **Journal of Social Issues**, Washington, v. XXIII, n. 2, p 8-28, 1967.

_____. **Vers la Compétence de Communication**. Paris: Hatier, 1984. Edição Original: 1973.

_____. **Foundations in sociolinguistics**. An Ethnographic Approach. London: Tavistock Publications, 1977.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Isidoro Bliksteine e José Paulo Paes, São Paulo: Editora Cultrix, 1999. Edição Original: 1960.

JAKOBSON, R. A afasia como um problema linguístico. In: LEMLE, M. e LEITE, Y. (Org.). **Novas Perspectivas linguísticas**. Petrópoles: Vozes, 1972. Edição Original 1955.

_____. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1999, 34-62 p. Edição

Original: 1969.

LURIA, A. R. **Fundamentos em Neuropsicologia**. Rio de Janeiro: Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, E. C. **Um estudo comparativo do funcionamento das pausas na atividade verbal de sujeitos parkinsonianos**. 2003. 178 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (Unicamp) como uma Comunidade de Fala em Foco**. 2006. 175 P. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 175.

SAVILLE-TROIKE, M. **The ethnography of communication: an introduction**. New York: Basil Blackwell. 1982.

SILVA, M. C. **Discursos do cuidado de si e da sexualidade em revistas femininas e masculinas**. 2003. 354 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Recebido em 10/05/2008.

Aprovado em 20/05/2008.

SOBRE A AUTORA

Nirvana Ferraz Santos Sampaio é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas; professora de Linguística na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Uesb; pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Estudos da Língua(gem) (CNPq/Uesb) e Líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (CNPq/Uesb). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Neurolinguística, Lexicologia e Análise Linguística. Atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, terminologia, afasia, linguagem e memória. E-mail: nirvanafs@terra.com.br